



Presidente de Israel na Assembleia-Geral da ONU

(Ynet News, 28.01.2025)

Discurso pronunciado pelo Presidente Isaac Herzog na AGNU em 27.01, no Dia Internacional de Recordação do Holocausto (com pequenos cortes):

“No massacre de 7 de outubro de 2023 os terroristas do Hamas assassinaram, estupraram e mutilaram mulheres, torturaram, decapitaram e queimaram pessoas inocentes e famílias inteiras, sequestraram centenas de homens, mulheres e crianças.

Convoco todos os representantes nesta Assembleia-Geral, todos os que se consideram parte do mundo civilizado, a usar sua influência para garantir que nossos reféns voltem para suas casas – todos eles...Os reféns estão submetidos a condições sub-humanas, sem assistência médica, sem visitas da Cruz Vermelha e sem nenhum cumprimento de leis ou acordos internacionais.

O Holocausto foi a maior catástrofe na história do nosso povo e da história de toda a humanidade... (a qual) conduziu ao estabelecimento do Estado de Israel, um ato sustentado pela família das nações, um ato de justiça histórica.

Atualmente...esta Assembleia tem exibido uma falência moral. Foros internacionais e instituições como a Corte Penal Internacional optam pela proteção dos perpetradores das atrocidades...apagam a distinção entre o bem e o mal, criando uma simetria distorcida entre as vítimas e o monstro assassino.

Como é possível que tantos na família das nações não reconhecem...que terroristas instrumentalizam as instituições internacionais, subvertendo a razão mais básica, fundamental, para a sua criação?

Como é possível que as mesmas instituições criadas após o Holocausto estejam manipulando a definição de genocídio com o único propósito de atacar Israel e o povo judeu?”

(Nota da Redação: O discurso do Presidente Herzog não terá nenhuma repercussão naquele auditório, onde Israel é automaticamente condenado. Por outro lado, o papel da ONU durante a guerra do Hamas, isto é, da Assembleia-Geral, do Secretário-Geral e dos seus funcionários encarregados do Oriente Médio e dos direitos humanos, foi o de minimizar ou ignorar a responsabilidade do Hamas, do Hezbollah e do Irã no conflito e acusar falsamente Israel de genocídio, de provocar fome e impedir a entrada de assistência humanitária em Gaza.



A opinião pública nos países democráticos ocidentais preserva a imagem da ONU como dedicada à preservação da paz e outras boas ações, mas a sua autoridade moral, assim como a sua capacidade de agir de forma construtiva e isenta nos conflitos mundiais vem-se enfraquecendo progressivamente, como ocorreu com sua antecessora, a Liga das Nações. Suas ações e inações na guerra do Hamas apenas confirmam essa tendência).

Por que o Hamas continua celebrando?

(Jonathan Sacerdoti; Spectator/Reino Unido, 17.01; Prof. Kobi Michael, Instituto de Estudos da Segurança Nacional da Universidade de Tel Aviv, 16.01; Seth J. Frantzman, Jerusalem Post, 21.01)

As celebrações em Gaza depois do cessar-fogo não pareciam nada de um povo que estivesse experimentando o fim de um genocídio. A imagem de multidões exultantes, gritando slogans, cantando músicas de triunfo e dando tiros no ar contrastou com as cenas de devastação e sofrimentos apresentados pela mídia internacional.

Não foi a primeira vez. Depois do massacre e sequestro de 7 de outubro hordas de palestinos jubilavam nas cidades de Gaza enquanto cadáveres e reféns desesperados eram desfilados na sua frente para serem cuspidos e maltratados.

Muitos deles estavam declarando sua intenção de continuar lutando e matando, sacrificando seu próprio povo se necessário. Para o Hamas a morte de judeus é a medida do seu sucesso. A retórica e a ação do Hamas visam os judeus como um povo e uma religião. A glorificação dos que matam judeus são manifestações de um ódio religioso profundamente entranhado.

Ao definir o conflito em termos de crises territoriais ou humanitárias, muitos não percebem em que medida o Hamas é motivado por uma visão de mundo que glorifica a violência e o martírio. Assim, nenhum cessar-fogo, negociação ou esforço de reconstrução pode superar o conflito enquanto o objetivo final Hamas for a destruição de Israel e a erradicação dos judeus da região.

Para Kobi Michael, o acordo de cessar-fogo constitui uma vitória significativa para o Hamas porque preservou o seu controle de Gaza, o que seria um passo para tomar o poder sobre todo o sistema palestino. Sua atuação enfraquece a Autoridade Palestina porque assinala o fracasso e a futilidade da alternativa diplomática frente à ação armada, reforçando seu prestígio, que já é maior do que o do Fatah.

No tocante à sua capacidade de retomar o combate, Seth J. Frantzman observou que, ao início da guerra, o Hamas disporia de 30 mil combatentes e outros grupos terroristas teriam alguns milhares mais. As Forças de Defesa de Israel nunca eliminaram os terroristas em diversas áreas de Gaza e, quando eram atacados, puderam misturar-se com os civis.



Desse modo, o Hamas nunca foi derrotado militarmente na parte central de Gaza ou na Cidade de Gaza e, ao perder unidades e comandantes, pode substituí-los porque controla dois milhões de habitantes e faz seus recrutamentos de um “pool” de 300 mil jovens.

(N. da R.: Restam poucas dúvidas de que a guerra realmente não terminou e que milhares de potenciais terroristas estão sendo soltos por Israel em troca dos reféns. O que se alterou positivamente, do ponto de vista militar, foi o significativo enfraquecimento do Irã e seus mandatários, ao menos por alguns anos, salvo se o regime dos aitolás tiver acesso ao armamento nuclear.

Associado ao conflito, registra-se um crescimento exponencial das manifestações antissemitas no Ocidente, muitas vezes mobilizando as correntes políticas importantes e movimentos que combatem igualmente o status quo vigente em seus países. O Irã e o Hamas podem arrolar essa hostilidade a Israel e aos judeus como uma vitória cujos efeitos danosos poderão perdurar indefinidamente).

Anúncio do fim da atuação da UNRWA em Israel

(Corey Walker, Algemeiner, 28.01)

Em 28.01 o embaixador de Israel na ONU, Dani Danon, informou oficialmente o Secretário-Geral António Guterres de que no dia 30 de janeiro seu país cessará sua cooperação com a UNRWA, a qual deverá interromper as atividades e evacuar suas instalações em Jerusalém. Israel terminará toda colaboração, comunicação ou contato com a agência ou com quem opere a seu serviço.

Em pronunciamento aos Conselho de Segurança Danon informou que a UNRWA promove “agendas políticas, negligência e cobertura de ações dos terroristas sacrificando os princípios humanitários” e que a decisão israelense resulta ainda da constante recusa da agência da ONU de enfrentar a ampla infiltração de terroristas do Hamas e outros movimentos em suas atividades.

Por sua vez a embaixadora dos EUA, Dorothy Shea, declarou no Conselho de Segurança que reféns israelenses relataram que foram mantidos presos em instalações da UNRWA por terroristas do Hamas e que “é direito soberano de Israel de fechar os escritórios da agência em Jerusalém...A UNRWA sugerir que Israel vai forçar a suspensão de toda a ajuda humanitária é irresponsável e perigoso...A UNRWA não é e nunca foi a única opção para prover assistência humanitária em Gaza”.

(N. da R.: A UNRWA continuará a atuar nos países do Oriente Médio onde há refugiados palestinos, assim como na Margem Ocidental do Jordão e em Gaza. Já estão em curso iniciativas para substituir parcialmente a agência em Gaza, a despeito da resistência da ONU e do Hamas, mas a situação ainda não está clara.



A UNRWA tem uma certa responsabilidade pela persistência do conflito, porque seu estatuto define que os mais de cinco milhões de supostos descendentes dos palestinos que saíram de Israel na sua guerra de independência são considerados “refugiados”, com “direito de retornar a Israel”, o que é ensinado nas suas escolas, e não corresponde à prática internacional. Com efeito, os demais refugiados do planeta estão sob a jurisdição da ACNUR-Agência da ONU para Refugiados, que trata de estabelecê-los nos países onde vivem ou em outros que os possam acolher.

O mandato da UNRWA foi concebido pelos países árabes para impedir que os palestinos possam deixar de ser refugiados e continuem em “campos” (na realidade são bairros), quase sempre sem receber o direito à cidadania nos países árabes, onde vivem há décadas. Com isso e o controle efetivo do Hamas e outros movimentos terroristas sobre a estrutura da UNRWA em Gaza e outros lugares, prolonga-se indefinidamente uma narrativa que acaba se traduzindo numa política da ONU de promover o terrorismo e a guerra contra um país membro, Israel).